



Bernie Rão. Foto: acervo do diretor.

Entrevista: Bernie Rão

Josias Pereira

Pós-Doutorando em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina e professor dos curso de cinema da UFPel

A revista Orson entrevistou Bernie Rão, um dos diretores expoentes do cinema independente de Portugal. Entre a música e o cinema, Bernie realiza um trabalho que mistura o fantástico e o cômico que lembra a leveza dos filmes dos anos 30, com piadas leves, uma linguagem simples e um humor entre o real e o surreal. Um de seus trabalhos mais conhecidos é *Calor & Moscas* (2011), junto com seu amigo e músico Afonso Cortez. No seu novo filme, *A Terra dos Carecas* (The Baldlands, 2014), rodado na Nova Zelândia, Rão mantém a mesma linha cômica e surreal do filme anterior. A seguir, o diretor comenta, a partir de perguntas acerca do filme *Calor & Moscas*, as dificuldades de produzir cinema de forma independente, tanto em Portugal como na Nova Zelândia, e apresenta algumas soluções para contorná-las.

ORSON - Como foi realizar o filme *Calor & Moscas*?

Rão - O filme foi o primeiro independente que fiz. Depois realizei mais dois. Esse filme já tem quatro anos. Tínhamos uma câmera simples, microfone e luz, então o realizamos. Lembro que custou mil euros. Foi um filme sem pretensões, onde o dinheiro era apenas para alimentação. Não filmamos com uma DSLR e sim com uma câmera simples: Canon HV40, e preferimos sem tripé.

ORSON - Como foi trabalhar com os atores?

Rão - A maioria eram atores amadores. Claro que trabalhar com atores profissionais é melhor, porém, cinema independente pode assustar estes atores, pois quando chegam e veem poucas pessoas no set já começam a desconfiar do projeto. Já atores iniciantes e não atores, não têm ideia do que é cinema e, quando chegam e veem

poucas pessoas e equipamentos simples, cabo de vassoura com fita e coisas do tipo (risos), já acham que cinema é assim mesmo.

ORSON - Como se deu a relação da música no filme?

Rão - Eu e Afonso, que somos músicos, tivemos a ideia de convidar amigos nossos que também fazem música para compor 20 minutos de trilha para o filme. A ideia era fazer um filme com muita música a ponto dela fazer parte da narrativa.

ORSON - Qual motivo levou vocês a escolherem o gênero comédia?

Rão - Escolhemos a comédia porque melhor entretém as pessoas. Já o drama é mais complicado. Você pode correr o risco de cair na farsa, de ficar algo muito falso.

ORSON - Em *Calor & Moscas*, como se deu a concepção e o processo de produção?

Rão - Quando escrevemos o roteiro de "*Calor & Moscas*" eu já morava na Nova Zelândia, escrevi uma parte e mandei para o Afonso e fomos dialogando. Quando cheguei o filme já estava organizado. Filmamos em um mês. Era equipe mínima: eu e o Afonso. Gravávamos por três dias diretos, então a gente organizava as próximas diárias e filmávamos de novo. Como já tínhamos experiência com outros curtas, não foi tão difícil, mas cansativo, pois fazer um filme sem dinheiro requer muita organização e paciência. Iniciamos a edição do filme, víamos os problemas e cobríamos quando necessário. Outro problema é que um dos atores era jardineiro, então filmávamos quando ele tinha tempo. Preferimos filmar o básico, o plano geral e depois os planos médios. Sou a favor de usar o *storyboard* para organizar o que vai ser gravado. Nossa tática era simples: eu e o Afonso, no dia que antecedia a gravação, fazíamos o *storyboard* dos planos que filmaríamos no dia seguinte, e assim era a cada dia de filmagem.

ORSON - Como foi a seleção dos atores?

Rão - Colocamos na internet que estávamos fazendo um filme independente e esperamos os contatos, chamamos também alguns amigos para atuar em parceria. As únicas exigências para o cas-

ting seriam que os atores deviam possuir certa experiência e morar perto de onde seriam feitas as gravações, para não ter problemas com deslocamento. Acabou que todos que participaram do *casting* fizeram parte do filme.

ORSON - Como foram os ensaios?

Rão - Em maioria, os atores eram todos nossos amigos, menos Victor Gomes que era o tipo principal do filme, o pai da heroína. Esse ator foi um *ídolo* do rock em Portugal na década de 70. Ele estava tomando remédios na *época* em função de um problema de saúde e, por isso, tinha algumas complicações na fala. Então ficávamos atrás da câmera repetindo o que deveria ser dito. Foi engraçado. Não tínhamos muito ensaio por falta de tempo e eu tinha que voltar logo para Nova Zelândia. Por isso, foi feito o *máximo que pudemos*, sem ensaio, mas com muitos diálogos.

ORSON - Como foram as filmagens e o processo de montagem do filme?

Rão - Preferimos filmar externas para não ter problema com DB, ganho de luz e etc. Estávamos preocupados com a qualidade do material também. Lembro-me do primeiro plano filmado com movimento, onde demoramos uns 15 a 20 minutos para organizar a luz, já que não tínhamos muitos *spots*. Eu e o Afonso criamos uma rotina, era assim: acabava a gravação e íamos editar, pois, se precisasse refazer algo, seria mais fácil. É importante o realizador se organizar, já que nem sempre podemos ter um continuísta, um boletim de câmera ou *metadados*. Iniciamos a edição com o Sony Vegas, mas foi complicado porque travava muito. O primeiro corte tinha duas horas e 30 minutos, um épico. Paramos a edição por uns meses para organizar as ideias, mas as pessoas cobravam muito. Geralmente, quem filma carrega um apego emocional com algumas cenas, pois sabe do trabalho e problemas ao produzi-la. Então convidei um amigo que era editor para fazer outro corte. Fizemos a estreia em uma mostra de cinema para atores e convidados. O filme também já foi pensado para ser exibido *on demand* e no *Youtube*.

ORSON - Com toda dificuldade, por que continua filmando?

Rão - Por que continuo filmando? Mesmo sem dinheiro? Não sei. Acho que é porque me divirto fazendo, gosto disso. Sou formado em Cinema e me sinto bem filmando. Sei que são filmes modestos, mas as pessoas veem e faz parte da minha carreira e do meu sonho. É minha expressão artística. Trabalho, ganho meu dinheiro e faço os meus filmes. O sonho é um dia viver disso. O meu segundo filme, *A Terra dos Carecas*, já foi feito com uma câmera DSLR. A qualidade já era melhor do que as mini-DV. As DSLR ajudaram muito no sentido de qualidade para o setor independente. Lembro que, na época das câmeras com qualidades menores, o importante era saber o que dizer e contar a história. É mais importante o conteúdo e não a forma, porém, percebo que hoje os diretores independentes estão se preocupando mais com a forma, e deixando o conteúdo de lado. Acho que os filmes independentes se perdem neste sentido: ganhar o espectador pelo olhar e não pelo conteúdo. Para ser diretor se deve treinar, experimentar, assim como é necessário ter horas de voo para se tornar um piloto. É preciso saber o que está fazendo, saber o que funciona ou não no filme.

ORSON - Qual o coração do filme para você?

Rão - O processo de qualquer filme sempre começa no roteiro. Comecei como roteirista, pois é ali que nasce tudo. Entrei no cinema para ser roteirista, mas como ninguém valorizava o meu roteiro virei diretor. Eu e o Afonso preferimos organizar o roteiro para depois organizar a direção. O roteiro é sempre a base onde tudo é expandido depois dele. O roteiro é o guia do diretor, é dali que o filme vai surgir. O filme *Calor e Moscas*, por exemplo, antes achava uma obra-prima e hoje consigo ver os problemas, o que faz parte do processo e da profissão de um cineasta. O recado para os jovens é: cuidem do roteiro e o valorizem.